



O ambiente, a arte, a história: os vitrais da Catedral de Barcelona e a relação homem/natureza nos séculos XIV e XV

Lorena da Silva Vargas ¹
Adriana Vidotte ²

RESUMO:

Tal como modificam suas relações sociais, os homens ao longo do tempo transformam suas perspectivas e interações referentes ao meio natural. Desse modo, propõe-se neste artigo identificar o nexos entre natureza e indivíduo em Barcelona nos séculos XIV e XV – Reino de Aragão -, partindo, para isso, da análise dos vitrais da Catedral de Barcelona - construídos entre 1335 e 1495 - enquanto elemento iconográfico, de cunho social e religioso. Por meio de tal suporte artístico, reconhecia-se e difundia-se o imaginário criativo e as mentalidades, possibilitando-nos, hoje, conhecer o ambiente medieval e compreender as práticas e perspectivas que o envolviam.

Palavras-Chave: Natureza, imaginário, vitrais, Catedral de Barcelona

¹ Graduanda em História, UFG, Brasil. lorenasvargas@hotmail.com

² Doutora em História, UNESP Assis, Brasil. Docente na Faculdade de História, UFG, Brasil. adrianavidotte@gmail.com

Lorena da Silva Vargas; Adriana Vidotte

A expansão das discussões ambientais desde as últimas décadas do século XX, fomentou estudos nos mais diversos campos científico acerca dessa temática. A História Ambiental, nesse sentido, trabalha para compreender não apenas as ações humanas frente à natureza ao longo do tempo, mas a forma como essa influencia e transforma o caminhar histórico por meio das condições de sobrevivência oferecidas ao homem. Voltando-nos aos séculos XIV e XV, identifica-se a forma característica do homem medieval de se relacionar com o meio que o circunda. A predominante perspectiva religiosa difundia a compreensão de natureza enquanto criação divina, bem como o ser humano, ressaltando em ambos - especialmente a partir do século XIII - um sentimento fraternal, amplamente defendido por São Francisco de Assis e as ordens mendicantes, atribuindo-se aos monges certo pioneirismo frente às concepções de apreciação estética do natural. O homem fazia parte da natureza e compartilhava com a mesma sua essência. Citando Jacques Le Goff, Pablo Castro Hernández salienta que o homem era o próprio microcosmo, formado pela natureza: “En efecto, está compuesto de tierra, la carne; de agua, la sangre; de aire, el aliento; de fuego, el calor.” (Castro Hernández 2015). A relação de proximidade e respeito era influenciada não somente pela necessidade da natureza na manutenção humana, mas por meio também de seu vínculo ao imaginário, expressão de um sincretismo existente. As mentalidades e o imaginário criativo foram moldados, ao longo de todo medievo, com base em conteúdos sincréticos que percebiam na natureza uma forma de materializar o espiritual, as ideias, os valores. Desse modo, as cores – consideradas por Isidoro de Sevilha como fragmento de luz – assumem significados próprios, bem como a flora e a fauna – reais e fantásticas -, representando, cada elemento que as compõe, um papel dado por Deus na vida humana, ressignificando imaginários. A palmeira, por exemplo, representava a Árvore da Vida, enquanto que a figueira, a Árvore da Ciência do Bem e do Mal; ao passo em que o leão simbolizava força, o cervo remetia-se à submissão, sendo ambos, porém, animais cristológicos, tais quais o unicórnio (Fernández Gonzáles 2013).

Ocasionalmente por estudos científicos, avanços técnicos no âmbito das artes visuais, crescimento das cidades e um novo modelo de vivência da fé pregado pelas ordens mendicantes, a ampliação do espaço dado à natureza, seus usos e formas, a partir especialmente do século XIII, reflete nas produções artísticas dos homens - especialmente nas artes visuais e na literatura - enquanto estruturas de representação social. Assim, pinturas, esculturas, retábulos e vitrais passaram, cada vez mais, a dar espaço à natureza em suas mais diversas formas, revelando, por meio de cenas e símbolos, as mentalidades, os sentimentos e as concepções dominantes naquele contexto. A perspectiva dual de natureza, alimentada pelo imaginário, ganha força nas representações visuais. Por um lado, o ambiente era propício ao homem, de onde provinha seu sustento e com o qual estabelecia-se uma relação

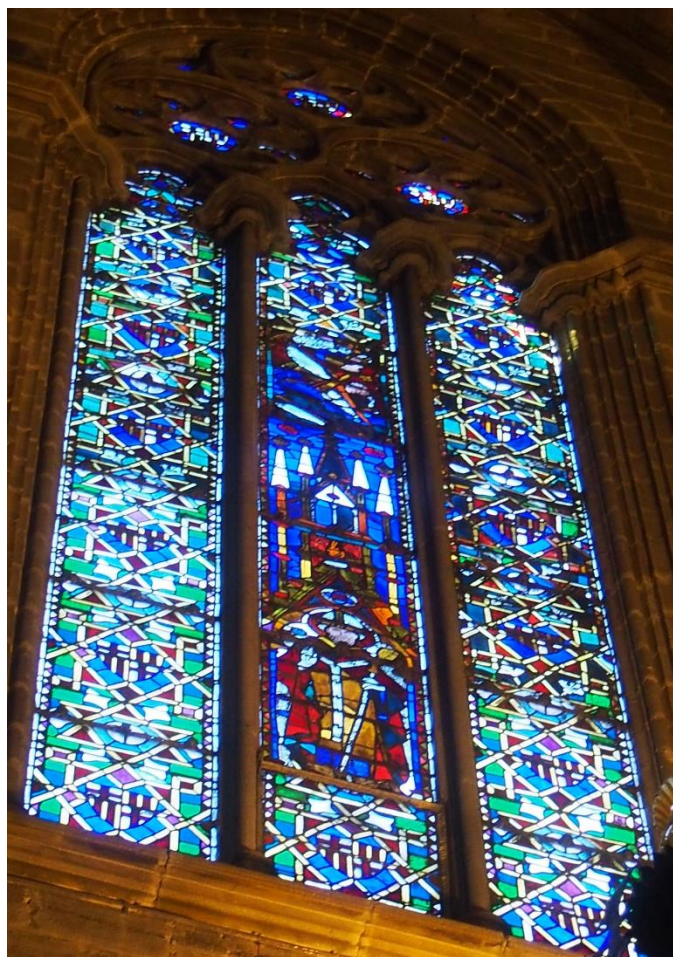
Lorena da Silva Vargas; Adriana Vidotte

harmônica, sendo ilustrado pelo jardim e tendo por modelo o Paraíso religioso – presente tanto na bíblia quanto no alcorão. Por outro lado, a partir de eventos que fogem ao controle humano, o ambiente mostra-se hostil, uma ameaça perante o desconhecido, a parcela indomada da natureza que se faz temida; encontra nos bosques e mares suas principais formas representativas. Segundo Carlos Barros (1999), tal relação é salutar, necessária ao bom funcionamento ecológico e social. Como aponta Adeline Rucquoi (2007), os fenômenos desconhecidos da natureza, indicadores de perigo ao homem – como terremotos, más colheitas e tempestades -, eram percebidos no medievo como frutos da ira divina para com os homens, podendo indicar ainda a proximidade de um importante acontecimento, como a morte de um rei. Devia-se, desse modo, conhecer natureza a fim de dominá-la, compreender seus fenômenos e amenizar seus desastres. O conhecimento das plantas, assim, deixa de ser magia no momento em que o homem adentra ao cientificismo, utilizando da sabedoria dada pelo próprio Deus para seu autodesenvolvimento. Marta Cendón Fernández (1999) destaca, por sua vez, que o desenvolvimento científico – um dos fatores e resultados de aproximação do homem ao ambiente – não afastou do natural o imaginário, que continuou a caracterizar a análoga sociedade baixo medieval.

Enquanto elemento artístico, religioso e ideológico no período em questão, os vitrais da Catedral de Barcelona (1335 - 1495) agregam fragmentos naturais - físicos e pictóricos - que contribuem para a compreensão da relação homem/natureza nos séculos XIV e XV, período de construção da Catedral gótica. Os vitrais e sua iconografia, permitem conhecer o espaço dado pelo homem ao meio ambiente em suas produções artísticas, revelando perspectivas e as interações humanas com a natureza por meio das imagens. Desde a construção dos vitrais, com a obtenção da matéria prima, passando pela representação iconográfica até sua instalação e vivificação por meio da luz que os transpassa, os vitrais dialogam com o meio ambiente, fazendo dele objeto e modelo. Nos vitrais da Catedral de Barcelona, a natureza auxilia no cumprimento das três principais funções desse suporte artístico: catequisar, ornamentar e iluminar. De forma recorrente, o natural se faz presente enquanto símbolo dos santos aos quais os vitrais se dedicam: São Pedro e o galo – símbolo de sua negação perante Jesus -, São João Evangelista e a águia – representando a alta espiritualidade de seus escritos -, São Nicolau de Bari e o mar (Figura 01), cada qual com seu conteúdo imaginário, socialmente interpretável. Nesse último vitral, o mar, ambiente hostil, propenso às mais variadas estórias e mitos, coloca-se como inimigo dos homens ao caracterizar-se como *locus agrestis*, ambientando a cena do naufrágio, representada no vitral (Figura 02). O santo, acalmando as águas do mar, salva os navegantes, tendo sido esse um dos principais milagres de São Nicolau, que fez do mar seu símbolo.

Lorena da Silva Vargas; Adriana Vidotte

Figura 01. Vitral de São Nicolau de Bari - 1405



Fonte: Arquivo pessoal

Lorena da Silva Vargas; Adriana Vidotte



Fonte: Arquivo pessoal

Enquanto ornamentação, a natureza é amplamente utilizada nos vitrais. Flores e estrelas são elementos recorrentes, bem como o sol, a lua e a vegetação por remeterem a Deus enquanto sua criação, reduzindo-a ao interior do microuniverso que corresponde à Catedral. A iluminação, uma das preocupações do gótico, viabiliza-se por meio dos vitrais e assume, para além da função utilitária, sentido simbólico: Deus é luz, e a partir dela todas as coisas são conhecidas.

Mais que agir, os homens medievais interagem com a natureza, a partir de onde emerge a consciência ecológica. Frente ao crescimento dos centros urbanos, a ameaça ao ambiente natural, seu equilíbrio e produtividade torna-se real, colocando em risco a vida humana e a criação divina. Assim, além da preocupação com a contaminação da água e do solo, medidas passam a ser tomadas visando a manutenção do equilíbrio entre bosques, terras de cultivo e pastos. Os bosques, que vinham sendo ocupados e sua madeira explorada, tornaram-se área protegida por reis como Alfonso X, que proibiu incêndios e posteriormente o corte de árvores sem autorização real. São Francisco de Assis, por sua vez, fazia recomendações aos religiosos sobre a forma de cortar as árvores, para que pudessem brotar

novamente, além de incentivar o plantio de flores e ervas aromáticas, afim de impulsionar louvores a Deus (Chafuen 2013).

CONCLUSÃO

O espaço dado à natureza a partir da arte, indica não somente a forma como o homem medieval interagiu com o meio fisicamente e disfrutava de seu valor utilitário, mas possibilita compreender a perspectiva cultural de natureza a partir do imaginário. A arte consiste-se em um veículo primordial de memória sobre a qual abrigam-se ideologias, propósitos, historicidade e emoções. Mais que retratar imagetivamente o ambiente natural sob valores ideológicos, religiosos e imaginários, o vitral abre espaço às expressões físicas da natureza – das quais a luz é a protagonista -, tornando-se uma forma artística ímpar ao acolher suas múltiplas manifestações.

A relação do homem com a natureza, assim, faz-se conhecida a partir da análise dos vitrais não apenas por meio das representações pictóricas neles contidas, ou frente à sua função luminosa, mas enquanto objeto vivo e simbólico. A natureza torna-se espelho de Deus e modelo para a arte e para os homens. Os templos e o ser humano tornam-se microcosmos, os vitrais e as cores tornam-se organismos vivos regidos pelo curso do sol, das estações, do tempo; “Se encienden y se apagan, viven y mueren.” (Pastoureau 2013). Na Catedral de Barcelona, além de darem vida ao interior do templo, seja a partir da cor, seja por meio da luz, os vitrais cumprem o papel catequético por meio da identificação ao meio e ao imaginário; também exemplificam a naturalidade com que o ambiente se faz presente nas cenas enquanto fundo ou primeiro plano, ressaltando a indissociação entre homem e natureza. Era transcendendo o mundo físico que o homem medieval interpretava o ambiente ao atribuir a plantas, animais e aos quatro elementos emoções humanas e significados próprios, ressaltando seu caráter místico de criação divina.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por atuar como agência de fomento ao desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

Ainaud J 1997. Els vitralls de la catedral de Barcelona i del monestir de Pedralbes. Barcelona, Institut d'Estudis Catalans, Àmbit Serveis Editorials.

Augustí D 2007. Historia Breve de Cataluña. Madrid, Sílex.

Azevedo A C do A 1999. Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

- Barral i Altet X 2000. *Vitralls medievals de Catalunya*. Barcelona, Lunwerg: Institut d'Estudis Catalans.
- Barros C 1999. La humanización de la naturaleza en la Edad Media. *Edad Media* 2: 169 – 194.
- Cañellas S 1993. Notícies sobre les vidrieres gòtiques de l'absis de la seu. *D'Art: Revista del Departament d'Història de l'Art*, Barcelona. UB. 19.
- Castro Hernández P 2015. La naturaleza y el mundo en la Edad Media: perspectivas teológicas, cosmológicas y maravillosas. Una revisión conceptual e historiográfica. *Revista Historias del Orbis Terrarum* 10: 1 – 35.
- Cendón Fernández M 1999. La naturaleza y el paisaje en el gótico. La naturaleza en los conjuntos funerarios. *Cuadernos del CEMYR*. 7: 167 – 224.
- Chafuen A 2013. El pensamiento católico medieval sobre los bosques, los animales y el subsuelo. *Revista Cultura Económica* 86: 7 – 18.
- Eco U 1989. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro, Globo.
- Espinosa R. y Montenegro J 1997. (coord.). *Castilla y Portugal en los albores de la Edad Moderna*. Valladolid, Universidad de Valladolid.
- Farrando Boix R 1999. *Els 108 vitralls de la Catedral de Barcelona*. Barcelona, Escola de Monitors i Voluntaris de la Catedral i Museu Diocesà de Barcelona.
- Fernández González E 2013. Los árboles no dejan ver el bosque. Apreciaciones plásticas e iconográficas en la Edad Media. *Cuadernos del CEMYR*. 21: 11-48.
- Franco Júnior H 2008. Modelo e imagem. O pensamento analógico medieval, *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre*. Centre d'études médiévales Saint-Germain d'Auxerre. 2.
- Franco J L de A 2012. *História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza*. Rio de Janeiro, Garamond.
- Garcia de Cortazar J A 1985. *Organización social del espacio en la España medieval*. Barcelona, Ariel.
- Kesselring T 2000. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. *Episteme* 11: 153-172, jul. /dez.
- Le Goff J 1984. *A Civilização do Ocidente Medieval*, Editorial Estampa, Lisboa.
- Le Goff J 1994. *O imaginário medieval*, Editorial Estampa.
- Lebrero Cocho J 2015. Hidrofobia medieval: miedos y peligros vinculados al agua en la literatura castellana del XV. *Medievalismo* 25: 261-284.
- Loyn H R 1990. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Malpica Cuello A M 2009 (Ed.) *Análisis de los paisajes históricos: de al Andalus a la sociedad castellana*. Granada, Editorial Alhulia.

Lorena da Silva Vargas; Adriana Vidotte

Medina del Río J M; Cassinello Plaza M J 2003. La luz gótica. Paisaje religioso y arquitectónico de la época de las catedrales. *Hispania Sacra* 65: 95-126.

Molina Molina A L 2000. Los viajes por mar em la Edad Media. *Cuadernos de Turismo* 5: 113-122.

Nieto Alcaide V 1978. La Luz, símbolo y sistema visual: el espacio y la luz en el arte gótico y del Renacimiento, Cátedra, Madrid.

Pastoureau M 2013. Una historia simbólica de la Edad Media occidental, Katz, Madrid.

Pereira M C C L 2016. Exposition des ymages des figures qui sunt: discursos sobre imagens no Ocidente Medieval. *Antíteses* 9 (17): 36-54.

Rodríguez Bote M T 2014. La visión estética del paisaje en la Baja Edad Media. *Medievalismo* 24: 371 - 397.

Roger A 2013. El nacimiento del paisaje em Occidente. Breve tratado del paisaje Cap.4: 71 – 90.

Rucquoi A 2007. La percepción de la naturaleza en la Alta Edad Media. *Natura i desenvolupament. El medi ambient a l'Edat Mitjana* 73-98.

Russo D 2011. O conceito de imagem-presença na arte da Idade Média. *Revista de História* 165: 37-72, jul. /dez.

The environment, the art, the history: the stained glass windows of the Cathedral of Barcelona and the relation man/nature in the 14th and 15th centuries

ABSTRACT

As they modify their social relations, human being over time transform their perspectives and interactions regarding the natural environment. In this way, this article is proposed to identify the nexus of nature and individual in Barcelona from the fourteenth and fifteenth centuries - Kingdom of Aragon, starting from the analysis of the stained glass windows of the Cathedral of Barcelona - built between 1335 and 1495 - as an iconographic element, social and religious. Through such artistic support, creative imaginary and mentalities were recognized and diffused, enabling us today to know the medieval environment and to understand the practices and perspectives that enveloped it.

Keywords: Nature, imaginary, stained glass window, Cathedral of Barcelona